

KARL MARX

3. Die Methode der Politischen Ökonomie

**EINLEITUNG / ZUR KRITIK DER POLITISCHEN
ÖKONOMIE / (1857)**

KARL MARX

O Método da Economia Política

Terceira Parte

**“INTRODUÇÃO [À CRÍTICA DA ECONOMIA
POLÍTICA]” (1857)**

NOTA DO TRADUTOR

A INTRODUÇÃO [À CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA], composta decerto entre o final de agosto e a metade de setembro de 1857, permanece inédita até quando, achada em 1902 entre os papéis de Marx, **DIE NEUE ZEIT** a publica em 1903. Ao aceitar o convite do Professor João Quartim de Moraes para realizar, no quadro das atividades do **CEMARX** que então se inauguravam, um seminário sobre a Terceira Parte, intitulada **O MÉTODO DA ECONOMIA POLÍTICA**, logo me dei conta de que uma tradução do texto se impunha. A francesa, de autoria de Husson e Badia*, frequentemente utilizada entre nós, – e, por via de consequência, as que no Brasil e em Portugal a partir dela se fizeram, – padece de flagrante impropriedade no trato da terminologia e da conceituação de proveniência hegeliana. Ora, quando algumas páginas atrás Marx se diz hegeliano, **ein Hegelianer**, (cf. supra, p. 625), há que se tomar ao pé da letra a declaração de identidade, de resto amplamente corroborada ao longo do texto que nos ocupa. Se é verdade que Marx retoma e redefine muitas noções de origem hegeliana, ao fazê-lo, as converte, porém, necessariamente, em pontos de amarração que o leitor não pode deixar de ter sempre presentes.

* Contribution à la Critique de l'Économie Politique, OEUVRES COMPLÈTES DE KARL MARX, Éditions Sociales, Paris, 1957, pp. 164-172.

Dado em cópia xerográfica, o texto alemão conserva a paginação de **Karl Marx - Friedrich Engels WERKE, Band 13, DIETZ Verlag Berlin, 1969**, pp. 631-639, esperando o tradutor assim facilitar a consulta do original, durante o seminário.

FAUSTO CASTILHO

Deptº de Filosofia do IFCH/UNICAMP

Campinas, outubro de 1996

KARL MARX

3. Die Methode der Politischen Ökonomie

**EINLEITUNG / ZUR KRITIK DER POLITISCHEN
ÖKONOMIE / (1857)**

KARL MARX - FRIEDRICH ENGELS WERKE
BAND 13, DIETZ VERLAG BERLIN, 1969, pp. 631-639.

KARL MARX

O MÉTODO DA ECONOMIA POLÍTICA

Terceira Parte

da

**“INTRODUÇÃO [À CRÍTICA DA ECONOMIA
POLÍTICA]” (1857)**

Edição bilíngüe

**FAUSTO CASTILHO
(tradutor)**

3. Die Methode der politischen Ökonomie

Wenn wir ein gegebenes Land politisch-ökonomisch betrachten, so beginnen wir mit seiner Bevölkerung, ihrer Verteilung in Klassen, Stadt, Land, See, den verschiedenen Produktionszweigen, Aus- und Einfuhr, jährlicher Produktion und Konsumtion, Warenpreisen etc.

Es scheint das Richtige zu sein, mit dem Realen und Konkreten, der wirklichen Voraussetzung zu beginnen, also z. B. in der Ökonomie mit der Bevölkerung, die die Grundlage und das Subjekt des ganzen gesellschaftlichen Produktionsakts ist. Indes zeigt sich dies bei näherer Betrachtung [als] falsch. Die Bevölkerung ist eine Abstraktion, wenn ich z. B. die Klassen, aus denen sie besteht, weglasse. Diese Klassen sind wieder ein leeres Wort, wenn ich die Elemente nicht kenne, auf denen sie beruht, z. B. Lohnarbeit, Kapital etc. Diese unterstellen Austausch, Teilung der Arbeit, Preise etc. Kapital z. B. ohne Lohnarbeit ist nichts, ohne Wert, Geld, Preis etc. Finge ich also mit der Bevölkerung an, so wäre das eine chaotische Vorstellung des Ganzen und durch nähere Bestimmung würde ich analytisch immer mehr auf einfachere Begriffe kommen; von dem vorgestellten Konkreten auf immer dünnere Abstrakta, bis ich bei den einfachsten Bestimmungen angelangt wäre. Von da wäre nun die Reise wieder rückwärts anzutreten, bis ich endlich wieder bei der Bevölkerung anlangte, diesmal aber nicht als bei einer chaotischen Vorstellung eines Ganzen, sondern als einer reichen Totalität von vielen Bestimmungen und Beziehungen. Der erste Weg ist

3. O Método da Economia Política

/ 631 / Ao considerar a economia política de um dado país, começamos por sua população, sua divisão em classes, distribuída em cidade, campo e mar; os diversos ramos da produção, a exportação e a importação, a produção anual e o consumo anual, os preços das mercadorias, etc.

É que parece correto começar pelo real e pelo concreto, pela pressuposição efetivamente real e, assim, em Economia, por exemplo, pela população: fundamento e sujeito do ato todo da produção social (**die Grundlage und das Subjekt des ganzen gesellschaftlichen Produktionsakts**). A uma consideração mais precisa, porém, isto se revela falso. A população, por exemplo, se omito as classes que a constituem, é uma mera abstração. Estas últimas, por sua vez, são uma expressão vazia se não conheço os elementos sobre que repousam, a saber, o trabalho assalariado, o capital, etc. E, estes pressupõem a troca, a divisão do trabalho, os preços, etc., de sorte que o capital, por exemplo, nada é, sem o valor, o dinheiro, o preço, etc. Se começasse pela população, haveria de início uma representação (**Vorstellung**) caótica do todo, e só através de determinação mais precisa (**durch nähere Bestimmung**), eu chegaria analiticamente (**analytisch**), cada vez mais, a conceitos (**Begriffe**) mais simples. Partindo do concreto representado (**von dem vorgestellten Konkreten**), chegaria a abstratos sempre mais tênues, até alcançar por fim as determinações mais simples (**die einfachsten Bestimmungen**). Dali, a viagem recomençaria pelo caminho de volta, até que reencontrasse finalmente a população, não já como a representação caótica de um todo (**eines Ganzen**) e sim, como uma rica totalidade de muitas determinações e relações (**als bei einer reichen Totalität von vielen Bestimmungen und Beziehungen**). O primeiro caminho é

der, den die Ökonomie in ihrer Entstehung geschichtlich genommen hat. Die Ökonomen des 17. Jahrhunderts z. B. fangen immer mit dem lebendigen Ganzen, der Bevölkerung, der Nation, Staat, mehreren Staaten etc. an; sie enden aber immer damit, daß sie durch Analyse einige bestimmende abstrakte, allgemeine Beziehungen, wie Teilung der Arbeit, Geld, Wert etc. herausfinden. Sobald diese einzelnen Momente mehr oder weniger fixiert und abstrahiert waren, begannen die ökonomischen Systeme, die von dem einfachen, wie Arbeit, Teilung der Arbeit, Bedürfnis, Tauschwert, aufsteigen bis zum Staat, Austausch der Nationen und Weltmarkt. Das letztere ist offenbar die wissenschaftlich richtige Methode. Das Konkrete ist konkret, weil es die Zusammenfassung vieler Bestimmungen ist, also Einheit des Mannigfaltigen. Im Denken erscheint es daher als Prozeß der Zusammenfassung, als Resultat, nicht als Ausgangspunkt, obgleich es der wirkliche Ausgangspunkt und daher auch der Ausgangspunkt der Anschauung und der Vorstellung ist. Im ersten Weg wurde die volle Vorstellung zu abstrakter Bestimmung verflüchtigt; im zweiten führen die abstrakten Bestimmungen zur Reproduktion des Konkreten im Weg des Denkens. Hegel geriet daher auf die Illusion, das Reale als Resultat des sich in sich zusammenfassenden, in sich vertiefenden und aus sich selbst sich bewegenden Denkens zu fassen, während die Methode, vom Abstrakten zum Konkreten aufzusteigen, nur die Art für das Denken ist, sich das Konkrete anzueignen, es als ein geistig Konkretes zu reproduzieren. Keineswegs aber der Entstehungsprozeß des Konkreten selbst. Z. B. die einfachste ökonomische Kategorie, sage z. B. Tauschwert, unterstellt Bevölkerung, Bevölkerung, produzierend in bestimmten Verhältnissen; auch gewisse Sorte von Familien- oder Gemeinde- oder Staatswesen etc. Er kann nie existieren außer als abstrakte, *einseitige* Beziehung eines schon gegebenen konkreten, lebendigen Ganzen. Als Kategorie führt dagegen der Tauschwert ein antediluvianisches Dasein. Für das Bewußtsein daher – und das philosophische Bewußtsein ist so bestimmt –, dem das begreifende Denken der wirkliche Mensch und daher die begriffne Welt als solche erst das Wirkliche ist, erscheint daher die Bewegung der Kategorien als der wirkliche Produktionsakt – der leider nur einen Anstoß von außen erhält –, dessen Resultat die Welt ist; und dies ist – dies ist aber wieder eine Tautologie – soweit richtig, als die konkrete Totalität als Gedankentotalität, als ein Gedankenkonkretum, in fact ein Produkt des Denkens, des Begreifens ist; keineswegs aber des außer oder über der Anschauung und Vorstellung denkenden und sich selbst gebärenden Begriffs, sondern der Verarbeitung von Anschauung und Vorstellung in Begriffe. Das Ganze, wie es im Kopfe

/ 632 / aquele que a Economia percorreu em sua gênese histórica. Exemplo: os economistas do século XVII que, sempre começam por um todo vivo (**mit dem lebendigen Ganzen**) – população, nação, Estado, vários estados, etc. – mas, sempre terminam por algumas relações gerais, abstratas, determinantes (**einige bestimmende abstrakte, allgemeine Beziehungen**) – divisão do trabalho, dinheiro, valor, etc. – que eles descobriram por análise. Tão logo esses aspectos individuais isolados (**diese einzelnen Momente**) achavam-se mais ou menos abstraídos e fixados, os sistemas econômicos começavam a elevar - se (**aufsteigen**), a partir dos elementos simples, – o trabalho, a divisão do trabalho, as necessidades (**Bedürfnis**), o valor de troca –, até o Estado, o intercâmbio entre as nações e o mercado mundial. É manifesto que este último caminho é o método cientificamente correto. O concreto é concreto por ser uma concentração (**Zusammenfassung**: concentração, síntese) de muitas determinações, logo, uma unidade do múltiplo. Eis a razão por que aparece no pensamento (**im Denken**) como processo de concentração (síntese), como um resultado e não como um ponto de partida, embora ele seja o ponto de partida efetivamente real (**der wirkliche Ausgangspunkt**) e assim, também, o ponto de partida da intuição e da representação (**der Ausgangspunkt der Anschauung und der Vorstellung**). No primeiro caminho, toda a representação se desvanece em determinação abstrata, ao passo que, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto no plano (**im Weg**) do pensamento. Foi o que levou Hegel a extraviar-se na ilusão de conceber o real (**das Reale**) como resultado de um pensamento que, em si mesmo se concentra, em si se aprofunda e por si se move (**das Reale als Resultat des sich in sich zusammenfassenden, in sich vertiefenden und aus sich selbst sich bewegenden Denkens zu fassen**), enquanto o método de se elevar do abstrato ao concreto é apenas a maneira de o pensamento apropriar-se do concreto e o reproduzir como concreto espiritual (**als ein geistig Konkretes**), mas, de maneira nenhuma se trata do processo da gênese (**der Entstehungsprozess**) do próprio concreto. Por exemplo, a categoria econômica mais simples, digamos o valor de troca: ele já pressupõe a população, uma população que produz sob relações determinadas; pressupõe igualmente certa espécie de família ou de comuna ou de Estado, etc. Ele jamais pode existir a não ser como uma relação abstrata, **unilateral** de um todo vivo, concreto, já dado. E, sem embargo, como categoria (**als Kategorie**), o valor de troca tem, ao contrário, uma existência antediluviana. Por isso, para a consciência, – e isto determina a consciência filosófica, – para a consciência, só o pensamento conceitual é o homem efetivamente real e somente o mundo conceituado possui, como tal, efetiva realidade. De sorte que para a consciência, o movimento das categorias (**die Bewegung der Kategorien**) assume a aparência de um ato efetivamente real de produção, – recebendo de fora apenas um empurrão, aliás deplorável, – cujo resultado é o Mundo. Isto é correto, – trata-se, porém, novamente de uma tautologia, – mas correto somente na medida em que a totalidade concreta é tomada como totalidade pensada, como um concreto pensado, **in fact**, como um produto do pensamento, do conceito. De modo algum, porém, como produto de um pensamento alheio à intuição e à representação ou que se lhes sobrepare, como produto de um conceito que pensando a si mesmo se gera (**ein Produkt... des... denkenden sich selbst gebärenden Begriffs**) mas, como produto da elaboração conceitual da intuição e da representação (**der Verarbeitung von Anschauung und Vorstellung in Begriffe**). O todo, tal como ele na cabeça

als Gedankenganzes erscheint, ist ein Produkt des denkenden Kopfes, der sich die Welt in der ihm einzig möglichen Weise aneignet, einer Weise, die verschieden ist von der künstlerischen, religiösen, praktisch-geistigen Aneignung dieser Welt. Das reale Subjekt bleibt nach wie vor außerhalb des Kopfes in seiner Selbständigkeit bestehen; solange sich der Kopf nämlich nur spekulativ verhält, nur theoretisch. Auch bei der theoretischen Methode daher muß das Subjekt, die Gesellschaft, als Voraussetzung stets der Vorstellung vorschweben.

Aber haben diese einfachen Kategorien nicht auch eine unabhängige historische oder natürliche Existenz vor den konkreteren? Ça dépend.¹ Z. B. Hegel fängt die Rechtsphilosophie richtig mit dem Besitz an, als der einfachsten rechtlichen Beziehung des Subjekts. Es existiert aber kein Besitz vor der Familie oder Herrschafts- und Knechtsverhältnissen, die viel konkretere Verhältnisse sind. Dagegen wäre es richtig, zu sagen, daß Familien, Stammesganze existieren, die nur noch *besitzen*, nicht *Eigentum* haben. Die einfachere Kategorie erscheint also als Verhältnis einfacher Familien- oder Stammgenossenschaften im Verhältnis zum Eigentum. In der höheren Gesellschaft erscheint sie als das einfachere Verhältnis einer entwickelteren Organisation. Das konkretere Substrat, dessen Beziehung der Besitz ist, ist aber immer vorausgesetzt. Man kann sich einen einzelnen Wilden besitzend vorstellen. Dann ist aber der Besitz kein Rechtsverhältnis. Es ist unrichtig, daß der Besitz sich historisch zur Familie entwickelt. Er unterstellt vielmehr immer diese „konkretere Rechtskategorie“. Indes bliebe dann immer soviel, daß die einfachen Kategorien Ausdruck von Verhältnissen sind, in denen das unentwickelte Konkrete sich realisiert haben mag, ohne noch die vielseitigere Beziehung oder Verhältnis, das in der konkreteren Kategorie geistig ausgedrückt ist, gesetzt zu haben; während das entwickeltere Konkrete dieselbe Kategorie als ein untergeordnetes Verhältnis beibehält. Geld kann existieren und hat historisch existiert, ehe Kapital existierte, ehe Banken existierten, ehe Lohnarbeit existierte etc. Nach dieser Seite hin kann also gesagt werden, daß die einfache Kategorie herrschende Verhältnisse eines unentwickeltern Ganzen oder untergeordnete Verhältnisse eines entwickeltern Ganzen ausdrücken kann, die historisch schon Existenz hatten, ehe das Ganze sich nach der Seite entwickelte, die in einer konkreteren Kategorie ausgedrückt ist. Insofern entspräche der Gang des abstrakten Denkens, das vom Einfachsten zum Kombinierten aufsteigt, dem wirklichen historischen Prozeß.

¹ Das kommt darauf an.

/ 633 / aparece, – um todo de pensamento, – é o produto de uma cabeça pensante que se apropria do mundo, do único modo que lhe é possível e que difere dos modos de apropriação do mundo que são o artístico, o religioso ou o do espírito prático. Enquanto a cabeça procede de modo somente especulativo, isto é, teoricamente, o sujeito real (**das reale Subjekt**), tanto antes como depois, subsiste fora dela, em sua independência. Assim, também no método teórico, é preciso que o sujeito, a Sociedade (**das Subjekt, die Gesellschaft**), esteja sempre presente como um pressuposto (**alls Voraussetzung**).

Mas, acaso essas categorias simples não têm também uma existência independente, seja histórica, seja natural, anterior à existência das mais concretas? **Ça dépend**. Por exemplo, Hegel começa de modo correto a Filosofia do Direito (**die Rechtsphilosophie**) pela posse, que é a relação juridicamente mais simples de um sujeito de direito (**als der einfachsten rechtlichen Beziehung des Subjekts**), embora não haja posse antes da família e das relações de domínio e servidão, muito mais concretas do que ela. Seria, assim, correto dizer, pelo contrario, que existem famílias, grupos tribais que ainda só **possuem** e não têm **propriedade**. No que se refere à propriedade, a categoria mais simples aparece, então, como relação entre comunidades simples de famílias ou de tribos. Na sociedade superior, ela aparece como a relação mais simples de uma organização mais desenvolvida. O substrato mais concreto, cuja relação é a posse, está sempre pressuposto, porém. Podemos nos representar um indivíduo silvícola isolado que possui. Mas, a posse, no caso, não seria um relação jurídica. É incorreto dizer que a posse desenvolve-se historicamente até a família, quando, ao contrario, ela sempre pressupõe esta “categoria jurídica mais concreta”. Continua, no entanto, a ser sempre uma verdade que as categorias simples são uma expressão de relações sob as quais o concreto não desenvolvido pôde realizar-se, sem ainda ter posto (**ohne noch... gesetzt zu haben**) a relação mais multilateral (**die vielseitigere Beziehung oder Verhältnis**) que é expressa espiritualmente (**geistig**) na categoria mais concreta, ao passo que o concreto mais desenvolvido conserva a mesma categoria como uma relação subordinada. O dinheiro pode existir e existiu historicamente, antes de existirem o capital, os bancos, o trabalho assalariado, etc. Por esse lado, é também lícito dizer que a categoria mais simples pode exprimir relações dominantes de um todo não desenvolvido ou relações subordinadas de um todo mais desenvolvido que já existiam historicamente antes de esse todo se desenvolver por esse lado expresso numa categoria mais concreta. Em tal medida, a marcha do pensamento abstrato, ao se elevar do mais simples ao complexo (**zum Kombinierten**), corresponderia ao processo histórico efetivamente real.

Andrerseits kann gesagt werden, daß es sehr entwickelte, aber doch historisch unreifere Gesellschaftsformen gibt, in denen die höchsten Formen der Ökonomie, z. B. Kooperation, entwickelte Teilung der Arbeit etc., stattfinden, ohne daß irgendein Geld existiert, z. B. Peru. Auch bei den slawischen Gemeinwesen tritt das Geld und der es bedingende Austausch nicht oder wenig innerhalb der einzelnen Gemeinwesen hervor, sondern an ihrer Grenze, im Verkehr mit andren, wie es denn überhaupt falsch ist, den Austausch mitten in die Gemeinwesen zu setzen als das ursprünglich konstituierende Element. Er tritt vielmehr im Anfang eher in der Beziehung der verschiedenen Gemeinwesen aufeinander, als für die Mitglieder innerhalb eines und desselben hervor. Ferner: Obgleich das Geld sehr früh und allseitig eine Rolle spielt, so ist es im Altertum doch als herrschendes Element nur einseitig bestimmten Nationen, Handelsnationen, zugewiesen. Und selbst im gebildetsten Altertum, bei Griechen und Römern, erscheint seine völlige Entwicklung, die in der modernen bürgerlichen Gesellschaft vorausgesetzt ist, nur in der Periode ihrer Auflösung. Also diese ganz einfache Kategorie erscheint in ihrer Intensivität nicht historisch als in den entwickeltsten Zuständen der Gesellschaft. Keineswegs alle ökonomischen Verhältnisse durchwatend. Z. B. im Römischen Reich, in seiner größten Entwicklung, blieb Naturalsteuer und Naturallieferung Grundlage. Das Geldwesen eigentlich nur vollständig dort entwickelt in der Armee. Es ergriff auch nie das Ganze der Arbeit. So, obgleich die einfache Kategorie historisch existiert haben mag vor der konkretern, kann sie in ihrer völligen intensiven und extensiven Entwicklung grade einer kombinierten Gesellschaftsform angehören, während die konkretere in einer wenig entwickeltern Gesellschaftsform völliger entwickelt war.

Arbeit scheint eine ganz einfache Kategorie. Auch die Vorstellung derselben in dieser Allgemeinheit – als Arbeit überhaupt – ist uralte. Dennoch, ökonomisch in dieser Einfachheit gefaßt, ist „Arbeit“ eine ebenso moderne Kategorie wie die Verhältnisse, die diese einfache Abstraktion erzeugen. Das Monetarsystem z. B. setzt den Reichtum noch ganz objektiv, als Sache außer sich im Geld. Gegenüber diesem Standpunkt war es ein großer Fortschritt, wenn das Manufaktur- oder kommerzielle System aus dem Gegenstand in die subjektive Tätigkeit – die kommerzielle und Manufakturarbeit – die Quelle des Reichtums setzt, aber immer noch bloß diese Tätigkeit selbst in der Begrenztheit als geldmachend auffaßt. Diesem System gegenüber das physiokratische, das eine bestimmte Form der Arbeit – die Agrikultur – als die Reichtum schaffende setzt, und das Objekt selbst nicht mehr in der Verkleidung des Geldes, sondern als Produkt überhaupt, als

/ 634 / Por outro lado, pode-se dizer que há formas de sociedade muito desenvolvidas e que são, no entanto, historicamente imaturas (**historisch unreifere**), como o Peru, por exemplo, onde ocorrem formas superiores de economia, – cooperação, divisão do trabalho, etc. – mas onde não há nenhuma forma de dinheiro. Nas comunidades escravas, do mesmo modo, o dinheiro e a troca por ele condicionada, não aparecem ou pouco, dentro de cada comunidade isoladamente e sim, em suas fronteiras, nas relações de uma comunidade com as outras. De sorte que é falsa, em geral, a tese que faz da troca no interior da comunidade individual, o elemento que originariamente a constitui (**das ursprünglich konstituierende Element**). Ao contrário, ela surge inicialmente na relação entre comunidades diversas e não no interior de uma única e mesma comunidade, entre seus membros. E mais: embora o dinheiro exerça desde muito cedo um papel multilateral, ele, na Antigüidade, só tem o papel de elemento dominante em nações unilateralmente determinadas, a saber, nas nações comerciantes. E, mesmo na parte mais adiantada (**gebildesten**) da Antigüidade, entre os gregos e os romanos, o seu pleno desenvolvimento, – um pressuposto da moderna sociedade burguesa, – só se manifesta no período de sua desagregação. Assim, essa categoria totalmente simples, no que diz respeito a sua intensidade, não aparece historicamente, mas nos estádios mais desenvolvidos da sociedade. De modo nenhum, porém, ela passa a vau através de todas as relações econômicas e o exemplo é ainda o Império Romano que, mesmo depois de alcançar seu maior desenvolvimento, continua a ter no imposto **in natura** e na prestação **in natura** o seu fundamento. O dinheiro propriamente dito só se desenvolve por completo no exército e nunca se apoderou da totalidade do trabalho. Embora a categoria mais simples possa ter existido historicamente antes da mais concreta, em seu pleno desenvolvimento intensivo e extensivo, ela pode pertencer precisamente a uma forma de sociedade complexa (**kombinierte**), enquanto a categoria mais concreta se havia desenvolvido plenamente em uma forma de sociedade pouco desenvolvida.

O trabalho parece ser uma categoria de todo simples; além disso, sua representação, na universalidade do trabalho como tal (**als Arbeit überhaupt**) é, também ela, antiqüíssima. Entretanto, concebido economicamente nessa simplicidade, o “trabalho” é uma categoria tão moderna quanto as relações que produzem essa abstração simples. Por exemplo, o sistema monetário ainda põe a riqueza, de modo inteiramente objetivo (**ganz objektiv**), como coisa fora de si (**als Sache ausser sich**), no dinheiro. Em face desse ponto de vista, há um grande progresso na transposição da fonte da riqueza do objeto para a atividade subjetiva (**aus dem Gegenstand in die subjektive Tätigkeit**) feita pelo sistema comercial ou manufatureiro, se bem que uma atividade ainda sempre concebida como limitada a fazer dinheiro. A esse sistema o fisiocrático opõe uma forma determinada de trabalho, – a agricultura, – como criadora de riqueza, deixando assim o objeto de ser um disfarce do dinheiro, para se tornar produto enquanto tal (**Produkt überhaupt**), como

allgemeines Resultat der Arbeit. Dieses Produkt noch der Begrenztheit der Tätigkeit gemäß als immer noch naturbestimmtes Produkt – Agrikulturprodukt, Erdprodukt par excellence.

Es war ein ungeheurer Fortschritt von Adam Smith, jede Bestimmtheit der Reichtum zeugenden Tätigkeit fortzuwerfen – Arbeit schlechthin, weder Manufaktur, noch kommerzielle, noch Agrikulturarbeit, aber sowohl die eine wie die andre. Mit der abstrakten Allgemeinheit der Reichtum schaffenden Tätigkeit nun auch die Allgemeinheit des als Reichtum bestimmten Gegenstandes, Produkt überhaupt, oder wieder Arbeit überhaupt, aber als vergangene, vergegenständlichte Arbeit. Wie schwer und groß dieser Übergang, geht daraus hervor, wie Adam Smith selbst noch von Zeit zu Zeit wieder in das physiokratische System zurückfällt. Nun könnte es scheinen, als ob damit nur der abstrakte Ausdruck für die einfachste und uralteste Beziehung gefunden, worin die Menschen – sei es in welcher Gesellschaftsform immer – als produzierend auftreten. Das ist nach einer Seite hin richtig. Nach der andren nicht. Die Gleichgültigkeit gegen eine bestimmte Art der Arbeit setzt eine sehr entwickelte Totalität wirklicher Arbeitsarten voraus, von denen keine mehr die alles beherrschende ist. So entstehen die allgemeinsten Abstraktionen überhaupt nur bei der reichsten konkreten Entwicklung, wo eines vielen gemeinsam erscheint, allen gemein. Dann hört es auf, nur in besondrer Form gedacht werden zu können. Andererseits ist diese Abstraktion der Arbeit überhaupt nicht nur das geistige Resultat einer konkreten Totalität von Arbeiten. Die Gleichgültigkeit gegen die bestimmte Arbeit entspricht einer Gesellschaftsform, worin die Individuen mit Leichtigkeit aus einer Arbeit in die andre übergehen und die bestimmte Art der Arbeit ihnen zufällig, daher gleichgültig ist. Die Arbeit ist hier nicht nur in der Kategorie, sondern in der Wirklichkeit als Mittel zum Schaffen des Reichtums überhaupt geworden und hat aufgehört, als Bestimmung mit den Individuen in einer Besonderheit verwachsen zu sein. Ein solcher Zustand ist am entwickeltsten in der modernsten Daseinsform der bürgerlichen Gesellschaften – den Vereinigten Staaten. Hier also wird die Abstraktion der Kategorie „Arbeit“, „Arbeit überhaupt“, Arbeit sans phrase, der Ausgangspunkt der modernen Ökonomie, erst praktisch wahr. Die einfachste Abstraktion also, welche die moderne Ökonomie an die Spitze stellt und die eine uralte und für alle Gesellschaftsformen gültige Beziehung ausdrückt, erscheint doch nur in dieser Abstraktion praktisch wahr als Kategorie der modernsten Gesellschaft. Man könnte sagen, was in den Vereinigten Staaten als historisches Produkt, erscheine bei den Russen z. B. – diese Gleichgültigkeit gegen die bestimmte Arbeit – als naturwüchsige

/ 635 / resultado geral do trabalho. Esse produto, dados os limites dessa atividade, é ainda sempre um produto determinado da Natureza: produto agrícola, produto da terra **par excellence**.

Houve um imenso progresso, quando Adam Smith afastou toda determinidade (**Bestimmtheit**) da atividade criadora da riqueza: o trabalho pura e simplesmente (**Arbeit schlechthin**) e não já o manufatureiro ou o comercial ou o agrícola, mas tanto um quanto o outro. Paralela a essa universalidade da atividade criadora da riqueza aparece agora também a universalidade do objeto da riqueza, determinado como produto como tal ou, de igual modo, como trabalho enquanto tal, só que trabalho passado, trabalho objetivado (**aber als vergangne, vergegenständlichte Arbeit**). Um passo difícil e importante, pois, o próprio Adam Smith às vezes regride ao sistema fisiocrático, como se o que foi encontrado fosse apenas a expressão abstrata da relação mais simples e mais antiga em que os homens sempre ingressam enquanto produtores, qualquer que seja a forma de sociedade. De um lado, isto é correto, de outro, não. A indiferença em relação a uma espécie determinada de trabalho pressupõe a existência efetiva de uma totalidade muito desenvolvida de espécies de trabalho, onde já nenhuma delas predomina sobre todas as outras. Assim, as abstrações mais gerais só surgem, como tais, no desenvolvimento concreto mais rico, onde o que é comum a muitos aparece como comum a todos. Desaparece, então, a possibilidade de se poder pensar em uma forma particular. Por outro lado, essa abstração do trabalho como tal não é apenas o resultado espiritual de uma totalidade concreta de trabalhos. A indiferença em relação a uma forma determinada de trabalho corresponde a uma forma de sociedade onde os indivíduos passam facilmente de um trabalho para outro, tornando-se-lhes fortuita e, portanto indiferente, a espécie determinada de trabalho. O trabalho, aqui, não está somente na categoria, tornou-se uma realidade efetiva, como meio de criação da riqueza em geral e deixou de ser uma determinação vinculada ao que os indivíduos têm de peculiar. Estado de coisas que se encontra mais desenvolvido, na mais moderna forma de existência das sociedades burguesas, nos Estados Unidos. Apenas ali, a abstração da categoria “trabalho”, “trabalho em geral”, trabalho **sans phrase**, ponto de partida da economia moderna, torna-se praticamente verdadeira. Assim, a abstração mais simples, – que a Economia moderna coloca acima de todas e que exprime uma relação antiquíssima, válida para todas as formas de sociedade, – somente se manifesta, porém, nessa abstração praticamente verdadeira, como categoria da mais moderna sociedade. Dir-se-ia que o que se manifesta nos Estados Unidos como um produto histórico, – a indiferença em relação ao trabalho determinado, – aparece, por exemplo, entre os russos, como uma disposição

Anlage. Allein einmal verteufelter Unterschied, ob Barbaren Anlage haben, zu allem verwandt zu werden, oder ob Zivilisierte sich selbst zu allem verwenden. Und dann entspricht praktisch bei den Russen dieser Gleichgültigkeit gegen die Bestimmtheit der Arbeit das traditionelle Festgeritten-sein in eine ganz bestimmte Arbeit, woraus sie nur durch Einflüsse von außen herausgeschleudert werden.

Dies Beispiel der Arbeit zeigt schlagend, wie selbst die abstraktesten Kategorien, trotz ihrer Gültigkeit – eben wegen ihrer Abstraktion – für alle Epochen, doch in der Bestimmtheit dieser Abstraktion selbst ebenso sehr das Produkt historischer Verhältnisse sind und ihre Vollgültigkeit nur für und innerhalb dieser Verhältnisse besitzen.

Die bürgerliche Gesellschaft ist die entwickeltste und mannigfaltigste historische Organisation der Produktion. Die Kategorien, die ihre Verhältnisse ausdrücken, das Verständnis ihrer Gliederung, gewährt daher zugleich Einsicht in die Gliederung und die Produktionsverhältnisse aller der untergegangenen Gesellschaftsformen, mit deren Trümmern und Elementen sie sich aufgebaut, von denen teils noch unüberwundene Reste sich in ihr fort-schleppen, bloße Andeutungen sich zu ausgebildeten Bedeutungen entwickelt haben etc. Anatomie des Menschen ist ein Schlüssel zur Anatomie des Affen. Die Andeutungen auf Höres in den untergeordneten Tierarten können dagegen nur verstanden werden, wenn das Höhere selbst schon bekannt ist. Die bürgerliche Ökonomie liefert so den Schlüssel zur antiken etc. Keineswegs aber in der Art der Ökonomen, die alle historischen Unterschiede verwischen und in allen Gesellschaftsformen die bürgerlichen sehen. Man kann Tribut, Zehnten etc. verstehn, wenn man die Grundrente kennt. Man muß sie aber nicht identifizieren. Da ferner die bürgerliche Gesellschaft selbst nur eine gegensätzliche Form der Entwicklung, so werden Verhältnisse früherer Formen oft nur ganz verkümmert in ihr anzutreffen sein, oder gar travestiert. Z. B. Gemeindegut. Wenn daher wahr ist, daß die Kategorien der bürgerlichen Ökonomie eine Wahrheit für alle andren Gesellschaftsformen besitzen, so ist das nur *cum grano salis*¹ zu nehmen. Sie können dieselben entwickelt, verkümmert, karikiert etc. enthalten, immer in wesentlichem Unterschied. Die sogenannte historische Entwicklung beruht überhaupt darauf, daß die letzte Form die vergangenen als Stufen zu sich selbst betrachtet und, da sie selten und nur unter ganz bestimmten Bedingungen fähig ist, sich selbst zu kritisieren – es ist hier natürlich nicht von solchen historischen Perioden die Rede, die sich

¹ in ganz bestimmter Richtung

/ 636 / natural. Só que há uma diferença dos diabos entre, de um lado, bárbaros dispostos a aceitar que os empreguem em tudo e, do outro, civilizados que em tudo se empregam por si mesmos. Essa indiferença dos russos perante a determinidade do trabalho corresponde, na prática, à sua tradicional sujeição a um trabalho totalmente determinado, de onde só são retirados por uma influência externa.

O exemplo do trabalho mostra, de modo convincente, que, embora possuam validade em todas as épocas, – em virtude justamente de sua abstração, – mesmo as categorias mais abstratas, na determinidade de sua abstração, são um produto de relações históricas e só possuem plena validade (*ihre Vollgültigkeit*) para tais relações e no seu interior.

A sociedade burguesa é a organização histórica da produção mais desenvolvida e a mais múltipla (*mannigfaltigste*). As categorias que exprimem suas relações e a compreensão de sua articulação (*Gliederung*: articulação, estrutura) garantem ao mesmo tempo uma percepção que penetra na estrutura e nas relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, com cujas ruínas e cujos elementos a sociedade burguesa foi edificada e que nela em parte subsistem, como restos invictos, meros sinais que se desenvolveram para constituir significações completas, etc. A anatomia do homem é uma chave para a do macaco. Os indícios que, nas espécies animais inferiores, apontam para o que é superior a elas, só podem ser entendidos quando a própria espécie superior já é conhecida. Assim, a economia burguesa fornece a chave da Antigüidade, etc. Mas, de modo nenhum, à maneira dos economistas, que cancelam todas as diferenças históricas e em todas as formas de sociedade enxergam a forma burguesa. Pode-se entender o tributo, o dízimo, quando se conhece a renda fundiária. Mas, não há que identificar uns com os outros. Além disso, a sociedade burguesa não é, ela mesma, senão uma forma antagônica de desenvolvimento e nela, as relações de formas de sociedade anteriores se encontram com freqüência ou já estioladas de todo ou mesmo travestidas, caso, por exemplo, da propriedade comunal (*Gemeindeeigentum*). Por isso, se é verdade que as categorias da Economia burguesa possuem uma validade para todas as outras formas de sociedade, trata-se de uma verdade que só deve ser aceita *cum grano salis*. Elas podem conter as outras formas ou desenvolvidas ou estioladas ou caricaturadas, etc., mas sempre, segundo uma diferença essencial. O chamado desenvolvimento histórico repousa em geral sobre o fato que a última forma considera as formas passadas como degraus que a ela conduzem. E, sendo raro e só sob condições bem determinadas que ela seja capaz de criticar-se a si mesma (*da Sie..., fähig ist, sich selbst zu kritisieren*) – não falamos naturalmente dos períodos históricos que a si

selbst als Verfallzeit vorkommen -, sie immer einseitig auffaßt. Die christliche Religion war erst fähig, zum objektiven Verständnis der frühern Mythologien zu verhelfen, sobald ihre Selbstkritik zu einem gewissen Grad sozusagen *δυναμική*¹ fertig war. So kam die bürgerliche Ökonomie erst zum Verständnis der feudalen, antiken, orientalen, sobald die Selbstkritik der bürgerlichen Gesellschaft begonnen. Soweit die bürgerliche Ökonomie nicht mythologisierend sich rein identifiziert mit dem Vergangenen, gleich ihre Kritik der frühern, namentlich der feudalen, mit der sie noch direkt zu kämpfen hatte, der Kritik, die das Christentum am Heidentum, oder auch der Protestantismus am Katholizismus ausübte.

Wie überhaupt bei jeder historischen, sozialen Wissenschaft, ist bei dem Gange der ökonomischen Kategorien immer festzuhalten, daß, wie in der Wirklichkeit, so im Kopf, das Subjekt, hier die moderne bürgerliche Gesellschaft, gegeben ist, und daß die Kategorien daher Daseinsformen, Existenzbestimmungen, oft nur einzelne Seiten dieser bestimmten Gesellschaft, dieses Subjekts, ausdrücken, und daß sie daher *auch wissenschaftlich* keineswegs da erst anfängt, wo nun von ihr *als solcher* die Rede ist. Dies ist festzuhalten, weil es gleich über die Einteilung Entscheidendes zur Hand gibt. Z. B. nichts scheint naturgemäßer, als mit der Grundrente zu beginnen, dem Grundeigentum, da es an die Erde, die Quelle aller Produktion und allen Daseins, gebunden ist, und an die erste Produktionsform aller einigermaßen befestigten Gesellschaften - die Agrikultur. Aber nichts wäre falscher. In allen Gesellschaftsformen ist es eine bestimmte Produktion, die allen übrigen, und deren Verhältnisse daher auch allen übrigen, Rang und Einfluß anweist. Es ist eine allgemeine Beleuchtung, worin alle übrigen Farben getaucht sind und [die] sie in ihrer Besonderheit modifiziert. Es ist ein besonderer Äther, der das spezifische Gewicht alles in ihm hervorstehenden Daseins bestimmt. Z. B. bei Hirtenvölkern. (Bloße Jäger- und Fischervölker liegen außer dem Punkt, wo die wirkliche Entwicklung beginnt.) Bei ihnen kömmt gewisse Form des Ackerbaus vor, sporadische. Das Grundeigentum ist dadurch bestimmt. Es ist gemeinsames und hält diese Form mehr oder minder bei, je nachdem, ob diese Völker mehr oder minder noch an ihrer Tradition festhalten, z. B. das Gemeindeeigentum der Slawen. Bei Völkern von festsitzendem Ackerbau - dies Festsitzen schon große Stufe -, wo dieser vorherrscht wie bei den Antiken und Feudalen, hat selbst die Industrie und ihre Organisation und die Formen des Eigentums, die ihr entsprechen, *mehr oder minder grund-*

¹ der Möglichkeit nach

/ 637 / mesmos se consideram épocas de decadência, – sua percepção é sempre unilateral. A religião cristã só foi capaz de contribuir para uma compreensão objetiva das mitologias anteriores, quando terminou, até certo grau, por assim dizer **dunamei** (potencialmente), sua auto-crítica (**ihre Selbstkritik**). De igual maneira, a Economia (**Ökonomie**) burguesa só chegou a compreender a feudal, a antiga, a oriental assim que se iniciou a auto-crítica da sociedade burguesa. Na medida em que a Economia burguesa não mitologizou (**mythologisierend**), identificando-se com o passado, sua crítica das sociedades anteriores, – nomeadamente da feudal, contra a qual ainda tinha de lutar diretamente, – foi comparável à crítica do cristianismo ao paganismo ou mesmo do protestantismo ao catolicismo.

Do mesmo modo que em toda ciência histórica ou social em geral, também no que se refere à marcha das categorias econômicas, é preciso ter presente e de modo firme, que o sujeito, isto é, a moderna sociedade burguesa, é dado tanto na realidade efetiva como na cabeça; que as categorias são, assim, formas de existir, determinações de existência (**Daseinsformen, Existenzbestimmungen**) e com freqüência só exprimem aspectos particulares e isolados (**einzelne Seiten**) dessa sociedade determinada, desse sujeito (**dieser bestimmten Gesellschaft, dieses Subjekts**); e que, também do ponto de vista científico, de maneira nenhuma ela só começa no momento em que se trata dela **como tal**. É preciso ter isto presente, porque põe de imediato em nossas mãos o que há de decisivo na divisão da matéria. Por exemplo, nada parece mais natural do que começar pela renda fundiária, pela propriedade do solo, dada a sua ligação com a terra, fonte de toda produção e de toda existência e, [começar] pois, com a primeira forma de produção de todas as sociedades que, de alguma maneira, tornaram-se estáveis: a agricultura. Entretanto, nada seria mais falso. Em todas as formas de sociedade, há uma determinada produção que designa a posição respectiva e a influência de todas as outras e de suas relações. É uma como que iluminação geral, a banhar todas as cores, modificando-as em sua particularidade, um éter particular determinando o peso específico de toda existência que ganhe relevo. Por exemplo, entre os povos pastores (os meros caçadores e pescadores ficam fora do ponto em que principia o desenvolvimento), ocorre certa forma esporádica de agricultura e a propriedade fundiária é por ela determinada: ela é coletiva [**gemeinsames**] e conserva mais ou menos essa forma, dependendo de que esses povos mantenham mais ou menos a sua tradição, por exemplo, a propriedade comunal dos eslavos. Entre povos de agricultura firmemente assentada, – o assentamento já constitui uma fase de grande importância, – onde ela predomina, como entre os antigos e os feudais, a própria indústria, sua organização e as formas respectivas de propriedade tem o caráter de propriedade

eigentümlichen Charakter, ist entweder ganz von ihm¹ abhängig wie bei den ältern Römern oder, wie im Mittelalter, ahmt die Organisation des Landes in der Stadt und in ihren Verhältnissen nach. Das Kapital selbst im Mittelalter – soweit es nicht reines Geldkapital ist – als traditionelles Handwerkszeug etc. etc. hat diesen grundeigentümlichen Charakter. In der bürgerlichen Gesellschaft ist es umgekehrt. Die Agrikultur wird mehr und mehr ein bloßer Industriezweig und ist ganz vom Kapital beherrscht. Ebenso die Grundrente. In allen Formen, worin das Grundeigentum herrscht, die Naturbeziehung noch vorherrschend. In denen, wo das Kapital herrscht, das gesellschaftlich, historisch geschaffne Element. Die Grundrente kann nicht verstanden werden ohne das Kapital. Das Kapital aber wohl ohne die Grundrente. Das Kapital ist die alles beherrschende ökonomische Macht der bürgerlichen Gesellschaft. Es muß Ausgangspunkt wie Endpunkt bilden und vor dem Grundeigentum entwickelt werden. Nachdem beide besonders betrachtet sind, muß ihre Wechselbeziehung betrachtet werden.

Es wäre also untubar und falsch, die ökonomischen Kategorien in der Folge aufeinander folgen zu lassen, in der sie historisch die bestimmenden waren. Vielmehr ist ihre Reihenfolge bestimmt durch die Beziehung, die sie in der modernen bürgerlichen Gesellschaft aufeinander haben, und die genau das umgekehrte von dem ist, was als ihre naturgemäße erscheint oder der Reihe der historischen Entwicklung entspricht. Es handelt sich nicht um das Verhältnis, das die ökonomischen Verhältnisse in der Aufeinanderfolge verschiedener Gesellschaftsformen historisch einnehmen. Noch weniger um ihre Reihenfolge „in der Idee“ (*Proudhon*) (einer verschwimmelten Vorstellung der historischen Bewegung). Sondern um ihre Gliederung innerhalb der modernen bürgerlichen Gesellschaft.

Die Reinheit (abstrakte Bestimmtheit), in der die Handelsvölker – Phönizier, Karthaginer – in der alten Welt erschienen, ist eben durch das Vorherrschen der Agrikulturvölker selbst gegeben. Das Kapital als Handels- oder Geldkapital erscheint eben in dieser Abstraktion, wo das Kapital noch nicht das beherrschende Element der Gesellschaften ist. Lombarden, Juden nehmen dieselbe Stellung gegenüber den Agrikultur treibenden mittelaltrigen Gesellschaften ein.

Als weiteres Beispiel der verschiedenen Stellung, die dieselben Kategorien in verschiedenen Gesellschaftsstufen einnehmen: Eine der letzten Formen der bürgerlichen Gesellschaft: *joint-stock-companies*². Erscheinen aber auch

¹ In der Handschrift: ihr – ² Aktiengesellschaften

/ 638 / fundiária, mais ou menos. A indústria depende totalmente da agricultura, como entre os romanos antigos, ou imita nas cidades e nas relações urbanas, a organização do campo, como na Idade Média. Na Idade Média, o próprio capital, – na medida em que não é puro capital em dinheiro, – como instrumento do artesanato tradicional, etc., etc., possui caráter de propriedade fundiária. Na sociedade burguesa ocorre o inverso: cada vez mais, a agricultura se torna mero ramo da indústria e é dominada inteiramente pelo capital. O mesmo com a renda fundiária: em todas as formas em que a renda fundiária domina, predomina ainda a relação com a natureza e onde o capital domina, prevalece o elemento social e historicamente criado. Sem o capital, a renda fundiária não pode ser compreendida, ao passo que, sem ela, o capital pode sê-lo muito bem. O capital é a força que tudo domina na sociedade burguesa. Deve constituir tanto o ponto de partida como o de chegada e sua exposição deve ser desenvolvida antes da propriedade fundiária. Após a consideração particular de um e outra, é preciso considerar a relação recíproca de ambos.

Seria, além de impossível, falso, ordenar as categorias econômicas na sucessão em que foram historicamente determinantes. Sua ordem é antes determinada pela relação que elas mantêm entre si, na sociedade burguesa moderna, precisamente o inverso do que parece ser a sua ordem natural ou a correspondente sucessão do desenvolvimento histórico. Não se trata da relação que se estabelece historicamente entre as relações econômicas na sucessão das diversas formas de sociedade e menos ainda da sua ordem “na Idéia” (Proudhon) (uma representação confusa do movimento histórico) e sim de sua articulação no interior da sociedade burguesa moderna.

A pureza (a determinidade abstrata) (**abstrakte Bestimmtheit**) com que os povos comerciantes – fenícios, cartagineses, – surgem no Mundo Antigo, ocorre, também ela, mediante (**durch**) o predomínio (**das Vorherrschen**) dos povos agricultores. Como capital comercial ou capital em dinheiro, o capital manifesta – se precisamente nessa abstração, onde ele ainda não é o elemento dominante da sociedade. Os lombardos, os judeus ocupam a mesma situação diante das sociedades agrícolas medievais.

É mais um exemplo da situação diversa que as mesmas categorias assumem em etapas diversas da sociedade (**Gesellschaftsstufen**): uma das últimas formas da sociedade burguesa, a forma das sociedades por ações (**joint-stock-companies**) aparece, no entanto

im Beginn derselben in den großen privilegierten und mit Monopol versehenen Handelskompanien.

Der Begriff des Nationalreichtums selbst schleicht sich bei den Ökonomen des 17. Jahrhunderts so ein – eine Vorstellung, die noch zum Teil bei denen des 18. fortgeht –, daß bloß für den Staat der Reichtum geschaffen wird, seine Macht aber im Verhältnis zu diesem Reichtum steht. Es war dies noch unbewußt heuchlerische Form, worin sich der Reichtum selbst und die Produktion desselben als Zweck der modernen Staaten ankündigt und sie nur noch als Mittel zur Produktion des Reichtums betrachtet.

Die Einteilung offenbar so zu machen, daß 1. die allgemein abstrakten Bestimmungen, die daher mehr oder minder allen Gesellschaftsformen zukommen, aber im oben auseinandergesetzten Sinn, 2. die Kategorien, die die innre Gliederung der bürgerlichen Gesellschaft ausmachen und worauf die fundamentalen Klassen beruhn. Kapital, Lohnarbeit, Grundeigentum. Ihre Beziehung zueinander. Stadt und Land. Die drei großen gesellschaftlichen Klassen. Austausch zwischen denselben. Zirkulation. Kreditwesen (privat). 3. Zusammenfassung der bürgerlichen Gesellschaft in der Form des Staats. In Beziehung zu sich selbst betrachtet. Die „unproduktiven“ Klassen. Steuern. Staatsschuld. Öffentlicher Kredit. Die Bevölkerung. Die Kolonien. Auswanderung. 4. Internationales Verhältnis der Produktion. Internationale Teilung der Arbeit. Internationaler Austausch. Aus- und Einfuhr. Wechselkurs. 5. Der Weltmarkt und die Krisen.

1. Produktion.

1. Die Produktion und die Produktionsverhältnisse.
2. Die Produktionskraft und Verkehrsverhältnisse.
3. Die Produktion und die Produktionskraft im Verhältnis zu den Verkehrsverhältnissen und Verkehrsverhältnissen.
4. Die Produktion und die Produktionskraft im Verhältnis zu den Verkehrsverhältnissen.

Die Produktion ist die Tätigkeit, die hier zu verstehen und nicht vergessen werden dürfen.

Die Produktion ist die Tätigkeit, die hier zu verstehen und nicht vergessen werden dürfen. Die Produktion ist die Tätigkeit, die hier zu verstehen und nicht vergessen werden dürfen. Die Produktion ist die Tätigkeit, die hier zu verstehen und nicht vergessen werden dürfen.

/ 639 / no início da sociedade burguesa também, nas grandes companhias comerciais, privilegiadas e monopolistas.

O próprio conceito de riqueza nacional só lentamente penetra na ciência econômica do século XVII, – representação que em parte subsiste entre os economistas do século XVIII – a riqueza é produzida meramente para o Estado e seu poderio (**Macht**) lhe é proporcional. Era a fórmula, ainda inconscientemente hipócrita, em que se anunciava que a própria riqueza e sua produção são a meta dos Estados modernos, considerados exclusivamente como meios de produzir riqueza.

É manifesto que a matéria deve ser dividida como segue: 1) As determinações gerais abstratas que convêm, por isso, mais ou menos, a todas as formas de sociedade, porém no sentido exposto anteriormente. 2) As categorias constitutivas da articulação interna da sociedade burguesa, sobre as quais as classes fundamentais repousam. O capital, o trabalho assalariado, a propriedade fundiária. Suas relações recíprocas. A cidade e o campo. As três grandes classes sociais. O intercâmbio entre elas. A circulação. O crédito (privado). 3) A concentração da sociedade burguesa na forma do Estado. Considerado na sua relação consigo próprio. As classes “improdutivas”. O imposto. A dívida do Estado. O crédito público. A população. As colônias. A emigração. 4) A relação internacional de produção. A divisão internacional do trabalho. A troca internacional. A exportação e a importação. O curso do câmbio. 5) O mercado mundial e as crises





À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Caixa Postal 6.110
13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (019) 788.8342
Telex: (019) 1150 - Telefax (019) 239.3327

NOME (Name): _____

ENDEREÇO (Address): _____

RECEBEMOS: _____
We have received: _____

FALTA-NOS: _____
We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____
We are sending in exchange: _____

DATA: _____
Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA
SUSPENSÃO DA REMESSA**
Non-acknowledgement of receipt will indicate that further
publications are not wanted.